



issn: 2176-5960

Προμηθεύς

journal of philosophy

n. 39 May / August 2022



A BUSCA DA JUVENTUDE PELA BELEZA: A ANÁLISE DE DOSTOIÉVSKI DA RADICALIZAÇÃO POLÍTICA¹

Bruce K. Ward
Thorneloe University of Laurentian

RESUMO: A questão sobre como e por que os jovens vêm a se radicalizar é um dos temas que permeiam de modo central todos os principais escritos de Dostoiévski. Pode-se argumentar que *Os Demônios* oferece a expressão definitiva acerca de quais são as consequências da radicalização, uma vez que ela venha a ocorrer, mas para o caso de se procurar compreender como e por que a radicalização acontece na mente e no espírito de um jovem, é necessário voltar-se para a obra seguinte de Dostoiévski, o romance *O Adolescente*. Neste romance, a busca de Arkadi por seu pai é, em última análise, uma busca por uma ordem que reflita uma “bela aparência”.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude, radicalização política, Dostoiévski, beleza.

ABSTRACT: The question of how and why young people become radicalized is a dominant theme pervading all of Dostoevsky’s major writings. It might be argued that *Demons* gives consummate expression to what the consequences of radicalization are once it has taken place, but if one is seeking to understand why and how radicalization happens within the mind and spirit of a young person, one should look to Dostoevsky’s next novel, *The Adolescent*. In this novel, Arkady’s quest for his father is ultimately a quest for an order reflective of “seemliness.”

KEYWORDS: Youth, Political radicalization, Dostoevsky, Beauty.

¹ Tradução Mariana Lins Costa (PPGF/UFS).

O fenômeno da “radicalização” da juventude é um dos principais problemas para aqueles que se preocupam com o futuro das diversas ordens políticas que são ameaçadas pelo terrorismo ou, mais comumente, pelo extremismo político, seja de esquerda ou de direita. Com a tradição revolucionária da Rússia pré-1917 e a arte literária de Dostoiévski, temos um encontro esclarecedor entre um contexto histórico de radicalização e o seu analista-contista, indiscutivelmente, mais clarividente.

Iniciarei a presente reflexão com algumas observações sobre o radicalismo russo. Os radicais russos de meados até o final do século 19 e do início do século 20 podem até não ter inventado o terrorismo revolucionário, mas é inegável que aperfeiçoaram suas técnicas, fornecendo-lhes as características centrais que exibem hoje. Uma das mais notáveis destas características é a jovialidade. E isso no sentido mais literal. Para o caso de se examinar o extenso registro documental deixado pelos bolcheviques russos mais destacados, ficar-se-á impressionado com o quão jovens eles eram quando adentravam o movimento, uma juventude que se faz evidente nas muitas fotografias existentes, assim como nas abundantes memórias disponíveis. Estas últimas revelam um padrão bastante definido do processo de radicalização.² Sempre há uma importantíssima experiência de conversão, semelhante a um “despertar espiritual”, resultando na adoção de uma nova fé. A grande maioria teve os seus “olhos despertados” enquanto ainda se encontrava na escola (no ginásio, equivalente russo da *High School* norte-americana) por volta dos dezessete ou dezoito anos. O caminho para a nova fé começava com a amizade; amizade que levava a longas conversas, geralmente ligadas à leitura e discussão de livros; conversas que se transformavam em confissões; e, com isso, em amizades ainda mais profundas. Eventualmente, acontecia de grupos de amigos se fundirem em círculos maiores de leitura, invariavelmente clandestinos. Unidos pelos livros que debatiam, bem como pela amizade e ainda pela vontade de morrer, os jovens desses círculos se direcionavam então à ação, muitas vezes à ação política. Uma vez que a decisão fosse coletivamente tomada por alguma das organizações políticas mais relevantes – que, neste caso russo, ou eram os populistas SR (socialistas revolucionários) ou os marxistas (que se tornariam os bolcheviques) –, os círculos de leitura se tornavam

² Esse padrão de radicalização é descrito em detalhes, tendo por base os documentos disponíveis, na notável história do movimento bolchevique escrita por Yuri Slezkine, *The House of Government: A Saga of the Russian Revolution* (Princeton University Press, 2017), de modo preciso no capítulo 2, intitulado “Os pregadores” [“*The Preachers*”].

células revolucionárias, engajadas no que chamavam de “propaganda e agitação”. Essa atividade, na maioria das vezes, levava à prisão ou ao exílio, que eram os ambientes propícios a uma radicalização ainda maior, que passou a incluir a adoção voluntária de estratégias violentas. A maioria dos jovens bolcheviques eram intelectuais oriundos das classes altas urbanas da sociedade russa. Pode-se dizer que eles se “autorradicalizaram”, enquanto aqueles que vieram da classe trabalhadora menos instruída foram radicalizados por esses guias da *intelligentsia*. Em ambos os casos, essa conversão decisiva e implacável da juventude foi o resultado de certo senso moral inerente que se opunha às misérias e injustiças do mundo, assomado a leituras e conversas que aumentavam a conscientização.

Trechos retirados das memórias e cartas de dois dos mais renomados bolcheviques – Aleksandr Voronsky e Yakov Sverdlov – podem ser considerados representativos dessa experiência adolescente de radicalização.

Vejam, primeiramente, nesse sentido, a lembrança autobiográfica de Voronsky da sua radicalização quando adolescente:

Eu costumava descer pela [avenida] Nievski. A visão das vitrines cintilantes das lojas, das carruagens e dos cavalos de trote, das cartolas e dos chapéus coco me enchiam com uma sensação de superioridade [...]. Aqui estou eu, com uma moeda de cinquenta copeques no meu bolso, vestindo um casaco esfarrapado e [...] sapatos surrados, mas eu não me importo: estou levando a cabo a vontade de pessoas anônimas que estão a marchar, sem vacilações, em direção ao seu objetivo de destruição. Eu também sou membro da sua fraternidade secreta. Nas vitrines, pedras preciosas brilham em todas as cores do arco-íris: elas são para vocês; os de barriga cheia, bem-apegoados, satisfeitos. No meu casaco, estão enfiadas pilhas e pilhas de panfletos [...]. Eles também são para vocês. Eles são inclusive tão bons ao ponto de uma dinamite ou de uma pistola Browning. Vocês caminham me empurrando para o lado, mas vocês não sabem o que eu sei; vocês não suspeitam de nada; vocês não percebem o perigo que correm. Eu sou mais forte e mais poderoso do que vocês, e gosto de caminhar entre vocês, sem ser notado [...]. “Nós” éramos o subterrâneo: um círculo secreto e exclusivo de pessoas unidas voluntariamente por um laço de ferro de responsabilidade mútua, dotadas de um entendimento próprio da honra, do direito e da justiça [...]. Todo o resto [...] consistia no mundo do inimigo. Tudo precisava ser reconstruído e remodelado; era repugnante e merecia morrer.

O segundo trecho a ser destacado é de uma carta escrita por Yakov Sverdlov quando ele tinha dezenove anos: “O verdadeiro dia está chegando, finalmente [...]. A aurora, que derrama a sua fantástica e encantadora [...] luz sobre tudo e sobre todos está próxima”.

Alguns anos depois, ele escreve em outra carta ao mesmo correspondente: “Minha visão de mundo me assegura de que a certeza no triunfo de uma vida harmoniosa, livre de todo tipo de corrupção e imundície, não pode desaparecer. Assim como é inabalável a minha certeza de que a vida futura produzirá seres humanos puros e belos em todos os aspectos. Sim, existe muito mal no mundo hoje. Mas entender e descobrir suas causas é entender a sua natureza transitória”.³

Quero destacar duas características dessas autodescrições feitas por esses dois jovens radicais russos. Primeiro, há a presença de um sentimento de separação em relação a um mundo de injustiça malévola e egoísta. Esse sentimento de separação de alguns poucos para com um mundo “ímundo” é tão forte que justifica empregarmos o termo “cisma”. Pois aqui, de fato, estamos diante da atitude típica do sectarismo cismático que encontramos na história das religiões. Em segundo lugar, e o que é talvez mais surpreendente, é que encontramos nas palavras de Sverdlov uma ênfase na pureza e inclusive na beleza como o seu ideal motivador. Esses dois temas, o do cisma e o da busca pela beleza, presentes no cerne da radicalização da juventude, foram não só identificados como receberam poderosa expressão na arte de Dostoiévski – e isso quase meio século antes do advento do bolchevismo na Rússia.

A questão sobre como e por que os jovens vêm a se radicalizar é um dos temas que permeiam de modo central todos os principais escritos de Dostoiévski. Os heróis dos seus principais romances – Raskólnikov, de *Crime e Castigo*; Míchkin, de *O Idiota*; Stavróguin, Piotr Vierkhoviénski e Kiríllov, de *Os Demônios*; Arkadi Dolgorúki, de *O Adolescente*; Ivan, Aliócha e Dmitri Karamázov, de *Os Irmãos Karamázov* – têm todos menos de anos trinta de idade, e todos são radicais em suas atitudes e convicções, sejam elas religiosas, políticas, ou muitas vezes ambas as coisas. A preocupação de Dostoiévski com o radicalismo da juventude pode ser explicada, em parte, tomando como referência a sua própria experiência de vida. Ele mesmo passou por um processo de radicalização política semelhante ao padrão bolchevique. Ele também, em seus anos de estudante, foi conduzido, através de leituras e conversas com amigos, a uma epifania espiritual que lhe revelou a injustiça do mundo, particularmente a da servidão russa, uma conversão que o levou a ingressar no círculo clandestino de Petrachévski e, no interior deste, no círculo de

³ Ibid., pp. 55-56; 65.

Spechniev, ainda menor e mais radical, que tinha por pretensão provocar insurreições violentas por meio da agitação e da propaganda (Dostoiévski era o responsável pelo equipamento utilizado para imprimir os panfletos). Essa sua participação implicou a sua prisão e interrogatório pela polícia secreta czarista, quando tinha algo em torno de vinte e cinco anos de idade, além de uma simulada execução por fuzilamento, o que foi transmutado na condenação ao exílio por uma década de trabalhos forçados na Sibéria. Durante o exílio, como ele mais tarde lembrou, teve muito tempo para refletir cuidadosamente sobre o que havia acontecido com ele, psicológica e espiritualmente, quando se radicalizou. No seu *Diário de um escritor*, escrito muitos anos depois, ele lembrou da sua incapacidade de “lutar contra” a influência de Nikolai Spechniev, que por sua vez veio a inspirar o terrorismo revolucionário de Serguei Netcháiev: “E por que, então, seria o caso de pensar que até mesmo cometer um assassinio (à la Netcháiev) teria sido capaz de nos deter – se não a todos nós, é claro, mas pelo menos alguns de nós – naqueles tempos frenéticos, cercados por doutrinas que capturavam as nossas almas [...]?”⁴

A representação mais poderosa e profética de Dostoiévski acerca da dinâmica interna do terrorismo revolucionário é geralmente considerada a sua obra intitulada *Os Demônios*. Um dos personagens principais do romance (ou um dos “demônios”), Piotr Vierkhoviénski, é baseado no próprio Netcháiev (e isso de modo tão explícito, que nos rascunhos do romance Piotr é justamente chamado de “Netcháiev”). Pode-se argumentar que *Os Demônios* oferece a expressão definitiva acerca de quais são as consequências da radicalização, uma vez que ela venha a ocorrer, mas para o caso de se procurar compreender como e por que a radicalização acontece na mente e no espírito de um jovem, é necessário voltar-se para a obra seguinte de Dostoiévski, o romance *O Adolescente*. Uma das grandes ironias da história intelectual é que foi a leitura deste romance, segundo declarou aquele que seria o futuro líder bolchevique, Nikolai Bukharin, a responsável por “abrir os seus olhos” na adolescência, colocando-o assim no caminho rumo à radicalização.⁵

O herói de *O Adolescente* (*Podrostok*) é um jovem de dezenove anos, Arkadi Dolgorúki, por meio de quem Dostoiévski tentou retratar o que poderia estar “escondido na

⁴ DOSTOEVSKY, F. “One of Today’s Falsehoods”. *A Writer’s Diary*, Volume I, trans. Kenneth Lantz. Evanston: Northwestern University Press, 1994, p. 286.

⁵ Ver SLEZKINE, *The House of Government*, op. cit., p. 59.

alma de certos adolescentes” de seu próprio tempo. De um lado, trata-se uma história de “amadurecimento”, um *Bildungsroman*, dado que retrata a formação de um jovem passando da adolescência para a idade adulta. Como Dostoiévski afirma em suas anotações bastante caóticas para o romance: “Esta é a história de suas buscas, esperanças, decepções, corrupção, renascimento, educação – a história de uma pessoa extremamente interessante, muito amável”. Essas últimas palavras deixam claro que não se trata de uma caricatura “demoníaca” da radicalização da juventude, mas de uma abordagem bastante empática de um processo que pode, ou não, levar a esse tipo de radicalização. Como qualquer adolescente, os anseios de Arkadi (expressos na forma de suas memórias, em primeira pessoa, isto é, sob a forma de “notas”) são marcados por grandes incertezas, ignorância e confusão (especialmente quando se trata de seus impulsos eróticos), mas também por grande exuberância e energia – e, o que é o mais importante, por um excesso de idealismo.

A trama do romance é uma das mais complicadas e, possivelmente, a menos bem-sucedida de Dostoiévski, de modo que qualquer tentativa de resumi-la aqui ocuparia muito espaço. É, portanto, suficiente dizer que Arkadi é um filho ilegítimo, criado num colégio interno onde foi colocado ainda criança por seus pais, e que chega à capital São Petersburgo para encontrar e confrontar o seu pai biológico, Andrei Viersílov, um indivíduo altamente culto, muito embora desprovido de qualquer propósito, oriundo de uma antiga família aristocrática. O romance, nas próprias palavras de Dostoiévski em suas notas bastante ásperas, é “um poema do amor do Jovem por Ele” (isto é, Viersílov). O encontro do jovem com seu pai desconhecido e misterioso é ao mesmo tempo um encontro de lutas, conflitos e desejos – políticos, econômicos e eróticos – referentes ao mundo factual da sociedade russa do final do século XIX, enquanto ele vai sendo enredado na teia de intrigas que giram em torno de Viersílov. A busca de Arkadi por seu pai é o primeiro contato entre o seu idealismo, alimentado na solidão da sua adolescência, e a realidade social. Nas palavras de Dostoiévski, “ele é repentinamente e ao mesmo tempo cercado por todos os diferentes elementos presentes na nossa sociedade”.⁶ A natureza e as consequências desse encontro da adolescência com a realidade social constituirão a nossa investigação central nas páginas que se seguem.

⁶ DOSTOEVSKY, F. *The Notebooks for A Raw Youth [The Adolescent]*, trans. Victor Terras, ed. Edward Wasiolek. Chicago: University of Chicago Press, 1969, p. 192.

O principal elemento da sociedade em que o adolescente adentra é a desintegração ou desordem. Referindo-me novamente às notas bastante rudimentares de Dostoiévski para esta obra: “Toda a ideia do romance é demonstrar que temos agora uma desordem geral, uma desordem que se faz presente em todos os lugares e aonde quer que você vá, na sociedade, nos negócios, nos princípios norteadores (os quais, por essa razão mesma, já não existem), nas convicções (que, também pelo mesmo motivo, já não temos), na desintegração da unidade familiar [...]. Falamos línguas diferentes e não podemos mais nos entender. A sociedade está se desintegrando quimicamente”.⁷ Dostoiévski chegou a considerar intitular o romance simplesmente de “Desordem” (*Besporyadok*) antes de chegar ao título *O Adolescente*. Esses títulos alternativos expressam, de fato, a dinâmica do âmagô da análise da radicalização empreendida por Dostoiévski, que é indissociavelmente tanto sociocultural quanto psicológico-filosófica.

Começarei pelo aspecto sociocultural. Ao longo do romance, Dostoiévski retrata uma sociedade em estado de convulsão, o que é evidenciado através de vários sintomas: jogo, embriaguez, negligência das obrigações, fraude nos negócios, corrupção, violência, suicídio, entre outros. Talvez o sintoma mais proeminente, porque o mais importante, seja o surgimento do que ele chama de famílias “acidentais” que, cada vez mais, estariam a ocupar o lugar das famílias tradicionalmente configuradas que até então constituíam a unidade fundamental da sociedade. Dostoiévski atribui esta desordem social acima de tudo ao que ele chama de “desenraizamento do solo” (*bezpochvennost*), que caracteriza a sociedade russa moderna e, na verdade, em diferentes graus, as sociedades modernas como um todo. Este “desenraizamento” é em certa medida bastante literal: nas suas notas caóticas para o romance, ele chama a atenção para “o desmatamento da Rússia”, para o fato de que o “seu solo está sendo exaurido, transformado em uma estepe [...], violentado”.⁸ Num sentido mais metafórico, ser “arrancado do solo” é ser destituído de uma das necessidades fundamentais da alma humana, necessidade que foi definida pela filósofa Simone Weil da seguinte forma: “O ser humano encontra as suas raízes na virtude oriunda da sua participação real, ativa e natural na vida em comunidade, que preserva sob a forma viva certos tesouros particulares do passado e certas expectativas particulares para o futuro”.⁹

⁷ Ibid., p. 101; 120; 37-38.

⁸ Ibid., p. 61.

⁹ WEIL, Simone. *The Need for Roots*, trans. Arthur Wills. New York: Harper Books, 1971, p. 43.

Uma sociedade que já não é mais capaz de dar conta dessa necessidade humana carece, nas palavras de Dostoiévski, das “formas acabadas da honra e do dever”, das “belas formas”¹⁰ que possam vir a servir de modelo de orientação e inspiração para os jovens enquanto aprendem a navegar mundo afora.

O desenraizamento numa sociedade é equivalente a uma doença, e sempre ocorre na história humana em um grau mais ou menos extremo, quando e onde quer que haja uma conquista militar. De maneira menos dramática e mais ordinária, o desenraizamento também pode ser provocado por rupturas econômicas e políticas, ou simplesmente pelo poder destrutivo do dinheiro, como Karl Marx observou tão eloquentemente na sua crítica ao capitalismo.¹¹ O impacto erosivo do capitalismo industrial nas sociedades tradicionais é realçado no romance; por exemplo, na visão apocalíptica de Viersílov, segundo a qual uma futura crise financeira universal provocada por uma “falência geral” acometerá todos os Estados modernos, apesar de todo o seu “equilíbrio orçamentário e ‘ausência de déficits’”.¹²

No caso particular da Rússia, Dostoiévski identifica como a causa definitiva do desenraizamento a ocidentalização e modernização rápida e forçada inaugurada por Pedro, o Grande, no século XVIII. No final do século XIX, a Rússia se dividiu em dois mundos diferentes: uma elite econômica e intelectual ocidentalizada e desenraizada, dotada de todo poder político, e um campesinato rural, em processo de desarraigamento das suas “formas acabadas”.

Entre as formas acabadas que moldam a vida das pessoas enraizadas, as mais importantes, segundo Dostoiévski, são aquelas que fornecem orientação moral: “A sociedade deve ser construída sobre fundamentos morais; nada pode ser fundado sobre a carne, sobre uma ideia econômica, de como transformar pedras em pão, e até agora nossos políticos estão enganando apenas os ingênuos”.¹³ A referência de transformar “pedras em pão” prenuncia o Grande Inquisidor de *Os Irmãos Karamázov*, que emprega a mesma referência bíblica para afirmar que os seres humanos são fundamentalmente movidos pelo

¹⁰ DOSTOEVSKY, F. *The Adolescent*, trans. Richard Pevear and Larissa Volokhonsky. New York: Alfred A. Knopf, 2003, p. 561; 563.

¹¹ Ver, por exemplo, em o *Manifesto Comunista*: “A burguesia, onde quer que tenha conquistado o poder, acabou com todas as relações feudais, patriarcais e idílicas [...] e não deixou subsistir, de homem para homem, nenhuma outra ligação que não fosse a do interesse próprio, do insensível ‘pagamento à vista’”. MARX, K. ENGELS, F. *Basic Writings on Politics and Philosophy*, ed. Lewis Feuer. Nova York: Doubleday, 1959, p. 9.

¹² DOSTOEVSKY, *The Notebooks*, op.cit., p. 210.

¹³ *Ibid.*, p. 540.

que poderia ser chamado, em linguagem filosófica, de desejo “metafísico”: eles não podem se contentar simplesmente em existir, a não ser que saibam também *por que* existem. É um axioma do pensamento de Dostoiévski (que está de acordo com o axioma socrático da inutilidade de uma vida não examinada) que o florescimento humano, que a “vida viva” (*zhivaya zhizn'*) humana não pode ocorrer na ausência de uma ideia superior do significado da vida mesma, independentemente do grau de clareza e de articulação dessa ideia ou mesmo do seu reconhecimento consciente. Conforme Arkadi declara num debate do círculo radical e clandestino de Diergatchóv, ao qual ele temporariamente se junta, essa ideia importantíssima é na verdade uma “ideia-sentimento”, e isso a tal ponto que não é suficiente refutar uma “bela” ideia logicamente; deve-se substituí-la por outra ideia igualmente bela.¹⁴

A insistência de Dostoiévski na necessidade fundamental do ser humano de uma “ideia-sentimento” do sentido superior da vida nos conduz da dimensão sociocultural da sua análise da radicalização para a dimensão psicológico-filosófica. Exploraremos essa dimensão, a partir de agora, tomando como referência o próprio adolescente, Arkadi Dolgorúki, e também os dois extratos dos escritos dos bolcheviques russos citados anteriormente.

Conforme observei, Arkadi cresceu, na verdade, sem pai, sendo com isso um membro do que Dostoiévski chamou de família “acidental”. Seu pai legal, Makar Dolgorúki, e seu pai biológico, Andrei Viersílov, habitavam mundos diferentes; o primeiro era um ex-servo doméstico da classe camponesa e o último um membro da intelectualidade de linhagem aristocrática. Nenhum dos pais tinha muito a ver com Arkadi, e ele foi criado por estranhos no ambiente de um internato. Sua origem mista e sensibilidade natural o tornaram alvo de *bullying*, tanto de colegas quanto do seu professor. Como resultado, ele cedo se trancou em si mesmo, tornou-se um ser solitário buscando o seu alimento em sonhos de uma grandeza futura: “Não consigo entender como as pessoas podem sobreviver sem sonhar acordadas [...]. Quando eu tinha apenas onze anos, costumava pular sobre os tártaros e golpeá-los. Nunca me vinguei de Souhard nos meus devaneios, mas me tornei [...] posteriormente um acadêmico erudito, um professor não reconhecido”.¹⁵ O estado

¹⁴ DOSTOEVSKY, *The Adolescent*, op. cit., p. 54.

¹⁵ Id., *The Notebooks*, op. cit., p. 213. “Souhard” (que passa a ser chamado “Touchard” no romance quando publicado) é o mestre da escola que abusou de Arkadi.

psicológico da infância de Arkadi demonstrava-se ostensivamente tanto no seu afastamento do mundo quanto no seu imenso orgulho, “sendo sempre o primeiro, nunca sendo o segundo”.¹⁶ Dada a sua condição de adolescente, no momento da ação do romance, seus devaneios se fundiam com a sua *ideia*. É para o interior desta ideia que ele se retira como se fosse para a sua própria “toca”.¹⁷ A ideia que o sustenta é a de “se tornar Rothschild, tornar-se tão rico quanto Rothschild”.¹⁸ Conforme Arkadi segue com a explicação, não é simplesmente a *riqueza* o que ele almeja; mas sim a solidão imperturbável que o dinheiro torna possível. No entanto, também não é bem isso. Enquanto luta para articular esse seu desejo mais profundo, Arkadi passa do dinheiro para a solidão, e desta para o sentimento de poder, que ele define como a “consciência solitária e tranquila da força”. Seja como for, o esforço de Arkadi para destrinchar o misterioso nó do Eu humano e seus desejos não conta toda a história. Pois, nos bastidores, nós temos o autor, o próprio Dostoiévski, que conduz o leitor em direção a um relato mais verdadeiro desse desejo mais profundo de Arkadi, que é simbolizado na sua busca pelo seu pai. Mas, neste ponto, farei uma pausa de modo a considerar o que o estado psicológico de Arkadi revela até agora sobre a análise de Dostoiévski acerca da radicalização.

A característica mais fácil de ser observada, porque a mais óbvia, é o seu afastamento do mundo, um afastamento que é semelhante a um cisma. E, para Dostoiévski, de fato, ser um radicalizado e ser um cismático são duas coisas inseparavelmente ligadas. Conforme diz o próprio Arkadi: “Decidi renunciar a todos eles e me dedicar à minha própria ideia para sempre”.¹⁹ Essa renúncia do mundo não é arbitrária; em certo sentido, não é nem mesmo irracional. É uma maneira compreensível de reagir a um mundo cheio de misérias, injustiças, maldade e sofrimento.²⁰ Relembremos, agora, as palavras de Aleksandr

¹⁶ Ibid., p. 213.

¹⁷ Ibid., p. 121.

¹⁸ DOSTOEVSKY, *The Adolescent*, op. cit., p. 78.

¹⁹ Ibid., p. 16.

²⁰ Para uma discussão bastante útil do *insight* de Dostoiévski acerca da natureza “cismática” de muitos dos repúdios modernos e seculares, ver TAYLOR, Charles. *Sources of the Self: The Making of the Modern Identity*. Harvard: Harvard University Press, 1989, capítulo 23: “Aqueles que repudiam, em Dostoiévski, são “cismáticos” (*raskolniki*), isolados do mundo e, portanto, da graça. Eles não podem deixar de causar destruição. Os mais nobres destroem-se apenas a si mesmos. Os mais ordinários destroem os outros. Embora impulsionados pelo mais nobre sentimento da injustiça sobre todas as coisas, esse cisma é, em última análise, também fruto do orgulho, segundo postula Dostoiévski. Nós nos separamos porque não queremos nos ver como parte do mal; queremos nos elevar acima dele, longe da culpa por ele. A projeção externa do terrorista é a manifestação mais violenta deste motivo comum.” (p. 451-52).

Voronsky sobre a sua atitude em relação ao mundo que ele encontrou enquanto caminhava ao longo da [Avenida] Nievski: “Tudo precisava ser reconstruído e remodelado; era repugnante e merecia morrer”. E também das palavras do mesmo Voronsky, que ecoam a sensação de poder de Arkadi como “consciência solitária e tranquila da força”: “Vocês caminham me empurrando para o lado, mas vocês não sabem o que eu sei [...]. Eu sou mais forte e mais poderoso do que vocês, e gosto de caminhar entre vocês, sem ser notado”.

Para aqueles jovens que não se contentam com uma vida definida em termos de conforto material, conseguir um bom emprego, numa palavra, que não se contentam como o sucesso convencional, o protesto e a revolta contra o mundo que eles encontram é natural e, atrevo-me a dizer, inclusive louvável. O protesto e a revolta pertencem à pureza juvenil e, geralmente, aos jovens mais interessantes. No entanto, em uma sociedade relativamente saudável, este protesto juvenil contra a injustiça mundial é capaz de, com o tempo, convergir de forma construtiva com a vida sociocultural do seu mundo particular. Mas quando a pureza juvenil é confrontada com o mundo retratado por Dostoiévski, o mundo da *desordem* sociocultural, um mundo desenraizado sem as “formas acabadas da honra e do dever”, desprovido de estruturas de reintegração, então o resultado muitas vezes será um cisma completo e absoluto. O cismático pode ser “passivo”, o que significa que ele se afasta do mundo, sem que o desejo de “reconstruir” o mundo tome qualquer forma externa. A retirada passiva do mundo pode assumir muitas formas, as não religiosas vão desde o entretenimento escapista via uso de drogas até chegar, nos casos mais extremos, ao suicídio. Dostoiévski estava profundamente preocupado com a taxa de suicídio entre os jovens russos da sua época, e um dos mais memoráveis de todos os seus personagens ficcionais, Stavróguin, de *Os Demônios*, é uma personificação do cismático passivo. O próprio Arkadi tende a esse cisma passivo, na medida em que a sua “ideia” envolve uma “consciência de poder” essencialmente solitária.

O cismático também pode ser ativo. No caso do bolchevique Voronsky, por exemplo, pelas suas memórias, conforme expostas anteriormente, temos a indicação de que o seu sentimento de ser “mais forte e mais poderoso” do que aqueles em meio aos quais ele caminha está intimamente conectado ao “perigo” que ele representa para todos eles e, mais do que isso, para todo o seu modo de vida; um perigo que ele associa a uma “dinamite ou uma pistola Browning”. A renúncia do mundo por parte do cismático ativo pode vir a se

tornar justamente o objetivo de todo terrorista revolucionário, que é o de reconstruir o mundo por meio da violência. É essa forma ativa de cisma que estamos aqui conectando com o termo “radicalização”. Na ficção de Dostoiévski encontramos cismáticos ativos memoráveis: Raskólnikov (cuja raiz do nome, *raskol*, significa “cisma”) de *Crime e Castigo*, e Piotr Vierkhoviénski de *Os Demônios*.

No que diz respeito ao afastamento cismático do mundo, há outro elemento na compreensão de Dostoiévski sobre a radicalização que eu gostaria de considerar, o que nos leva justamente à “busca da juventude pela beleza”, que está no título deste meu artigo. No capítulo de conclusão de *O Adolescente*, encontramos os comentários do “ex-tutor” de Arkadi sobre as suas memórias, para quem Arkadi as havia enviado a fim de justamente receber os comentários do “ex-tutor” sobre elas. Nesses comentários, quem nos fala é claramente o próprio Dostoiévski. Ele observa que o resultado do desenraizamento provocado pela ocidentalização e pelo capitalismo industrial foi que a sociedade russa passou a carecer de “formas belas e acabadas”²¹ que pudessem oferecer modelos para os jovens. A ênfase na “beleza” é significativa aqui. Isso ecoa a declaração mais clara de Arkadi sobre os motivos da sua renúncia ao mundo: “[Eu] queria me afastar de todos eles e do mundo inteiro em nome da ‘bela aparência’”. O ex-tutor retoma essa expressão, ‘bela aparência’: “Não há poucos jovens como você, e suas capacidades sempre ameaçam se desenvolver para pior [...] num desejo secreto de desordem. Mas esse desejo de desordem [...] vem talvez de uma sede secreta de ordem e ‘bela aparência’ (estou usando sua palavra)”²² A palavra original em russo, “*blagoobrazie*”, significa literalmente “abençoado” (*blago*) “forma”, “imagem” ou “ícone” (*obraz*). A noção de “forma”, “imagem” ou “ícone” tem claramente implicações estéticas. Não é apenas a miséria e a injustiça do mundo que repelem a pureza juvenil, mas também a sua feiura.

A sensibilidade da juventude para com a falta da “bela aparência” no mundo que lhe rodeia, frequentemente, em especial num meio de “desordem”, começa no interior de suas próprias famílias, como bem observa o ex-tutor de Arkadi: “Eu sei que há entre nós algumas crianças que [...] estão feridas pela vida desarmônica (*bezobrazie*) de seus pais e de todo o seu meio ambiente”²³ Arkadi é um desses jovens; primeiro, foi privado da

²¹ Ibid., p. 561.

²² Ibid., p. 380; 560.

²³ Id., *The Notebooks*, op. cit., p. 523.

orientação moral de seu pai biológico, Viersílov, e depois foi testemunha da paixão desordenada de Viersílov por uma mulher que não era sua esposa, o que culmina nos eventos catastróficos finais do romance. A busca de Arkadi por seu pai é, em última análise, uma busca por uma ordem que reflita uma “bela aparência”. A necessidade de uma tal busca é uma acusação contra a desordem sociocultural ao seu redor, começando pela sua família “acidental”. Mas essa mesma busca também faz alusão à luz que brilha, ainda que fraca, no interior da escuridão que permeia o mundo caótico do romance. Na verdade, o que faz de *O Adolescente* uma obra de arte, tornando-o muito mais do que uma ladainha sobre a desordem social, é a busca do jovem por algo de mais elevado e melhor. Toda a história é animada por uma dialética entre a “inadequação” (*bezobrazie*) da desordem factual e a luta para encontrar uma ordem harmoniosa que seja não apenas justa e feliz, mas também bela ou dotada da “bela aparência” (*blagoobrazie*). Neste ponto, devemos lembrar da carta de Yakov Sverdlov, na qual ele expressa sua fé na vinda de uma ordem futura que “produzirá seres humanos puros e belos em todos os aspectos”.

Em *O Adolescente*, mais do que em *Os Demônios*, Dostoiévski reconhece as qualidades e motivos positivos dos jovens que estavam então trazendo à tona a revolução socialista que ele profetizou. Ele reconhece em que profundidade eles estavam movidos pelo desejo humano inato de justiça e beleza, até o ponto do autossacrifício. Conforme escreve nos seus rascunhos: “Há na juventude russa uma boa dose de luta instintiva pelo bem, pela luz. Nossa juventude é plena de autossacrifício”.²⁴ Não há razão para duvidar que Aleksandr Voronsky e Yakov Sverdlov eram justamente esse tipo de jovem, ao menos quando no início das suas carreiras de ativistas revolucionários. No entanto, o resultado final das suas carreiras nos conta uma história perturbadora. Um ano após a revolução bolchevique de 1917, Sverdlov inaugurou o “Terror Vermelho” contra a “burguesia e seus agentes”. A campanha que ele liderou contra os cossacos de Don do sul da Rússia, que incluiu o incêndio de aldeias e execuções em massa, foi, nas palavras do historiador Yuri Slezkine: “A maior prova do compromisso do Partido [Comunista] com a violência apocalíptica”.²⁵ Quanto a Voronsky, após passar anos na condição de um dos maiores apologistas literários do stalinismo, ele mesmo foi vítima do expurgo stalinista de 1937, e

²⁴ Ibid., p.517, 545.

²⁵ SLEZKINE, *The House of Government*, op. cit., p. 160.

após um julgamento espetacular no qual confessou ser “um inimigo do povo”, foi sumariamente executado por um pelotão de fuzilamento.²⁶

É uma das terríveis ironias da história que a “luta pelo bem, pela luz” possa terminar perpetuando as trevas. De acordo com a análise de Dostoiévski, os jovens muitas vezes se radicalizam não por conta de alguma tendência “ruim” em direção à violência, mas justamente pelo oposto, por causa da sede do que é justo e belo. O problema, então, está na *compreensão* do que constitui justiça e beleza. Sem uma compreensão adequada, o que vem à tona é apenas o “orgulho vingativo” e “sem limites de uma virtude triunfante” – uma “virtude triunfante” que pode facilmente se tornar cruel.²⁷ Como Albert Camus bem disse uma vez: “A demanda por justiça termina em injustiça se não for baseada numa ideia verdadeira de justiça”.²⁸ Ao que parece, trata-se principalmente de um problema da educação. É apropriado, então, que em *O Adolescente* seja justamente o ex-tutor de Arkadi quem dê expressão ao problema essencial da radicalização: “A juventude só é pura apenas por ser juventude. Talvez seja justamente nesses primeiros impulsos de loucura que resida esse desejo por ordem e essa busca pela verdade, e de quem pode ser a culpa que alguns jovens de hoje vejam essa verdade e essa ordem em coisas tão tolas e ridículas a ponto de ser até incompreensível como eles possam vir a acreditar nelas!”²⁹ De acordo com o tutor, Arkadi é “salvo” da radicalização – isto é, de ingressar totalmente no grupo clandestino de Diergatchóv – por sua “ideia Rothschild” e, posteriormente, o que é mais importante, pela sua descoberta do *blagoobrazie* personificado em seu pai legal, o camponês cristão-peregrino Makar Dolgorúki.

Aleksandr Voronsky e Yakov Sverdlov encontraram o conteúdo para sua crença fervorosa no comunismo marxista-leninista, uma das mais proeminentes versões modernas e seculares de uma velha fé profundamente enraizada na história política e religiosa do Ocidente: a crença milenar apocalíptica de que o paraíso na terra pode ser alcançado por

²⁶ Ibid., p. 733, 842.

²⁷ DOSTOEVSKY, *The Adolescent*, op. cit., p. 464; *The Notebooks*, op. cit., p. 161.

²⁸ CAMUS, Albert. *Essais*. Paris: Gallimard, 1965, p. 614.

²⁹ DOSTOEVSKY, *The Adolescent*, op. cit., p. 560. Para uma discussão da convergência e divergência de Dostoiévski para com Nietzsche acerca do “orgulho vingativo e ilimitado da virtude triunfante”, ver KROEKER, P. Travis; WARD, Bruce K. *Remembering the End: Dostoevsky as Prophet to Modernity*. Londres: SCM Press, 2002, capítulo 5.

meio da violência.³⁰ A análise de Dostoiévski da radicalização política dos jovens nos aponta para 1) a sua crítica ao milenarismo apocalíptico e, além disso, 2) a sua tentativa de oferecer uma resposta alternativa positiva para a sede juvenil pela “bela aparência”. Tanto a crítica negativa quanto a alternativa positiva vieram a encontrar o seu desenvolvimento completo no seu romance seguinte, *Os Irmãos Karamázov*, nas figuras do Grande Inquisidor e do monge russo Zósima. Mas, para citar o próprio Dostoiévski, isso “pode ser o tema de uma nova história – a nossa história atual acabou”.³¹

³⁰ Para um relato extenso, embora em grande medida contestável, acerca da tradição milenar apocalíptica no Ocidente, em realidade global (uma vez que inclui o mundo islâmico), ver SLEZKINE, *The House of Government*, capítulo 4, “*The Real Day*”.

³¹ Últimas palavras de *Crime e Castigo*.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. *Essais*. Paris: Gallimard, 1965.

DOSTOEVSKY, F. “One of Today’s Falsehoods”. *A Writer’s Diary*, Volume I, trans. Kenneth Lantz. Evanston: Northwestern University Press, 1994.

DOSTOEVSKY, F. *The Adolescent*, trans. Richard Pevear and Larissa Volokhonsky. New York: Alfred A. Knopf, 2003.

DOSTOEVSKY, F. *The Notebooks for A Raw Youth [The Adolescent]*, trans. Victor Terras, ed. Edward Wasiolek. Chicago: University of Chicago Press, 1969.

KROEKER, P. Travis; WARD, Bruce K. *Remembering the End: Dostoevsky as Prophet to Modernity*. Londres: SCM Press, 2002.

MARX, K. ENGELS, F. *Basic Writings on Politics and Philosophy*, ed. Lewis Feuer. Nova York: Doubleday, 1959.

SLEZKINE, Yuri, *The House of Government: A Saga of the Russian Revolution*. Princeton: Princeton University Press, 2017.

TAYLOR, Charles. *Sources of the Self: The Making of the Modern Identity*. Harvard: Harvard University Press, 1989.

WEIL, Simone. *The Need for Roots*, trans. Arthur Wills. New York: Harper Books, 1971.